

110

*“Porque todos os ‘rebeldes’ falam português?” A
circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos
na Europa, ontem e hoje*

Carmen Rial

2009

Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Álvaro Toubes Prata

Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Roselane Neckel

Chefe do Departamento de Antropologia: Márnio Teixeira Pinto

Sub-Chefe do Departamento: Alberto Groisman

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social: Sônia Weidner Maluf

Vice-Coordenadora do PPGAS: Esther Jean Langdon

ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Editores responsáveis

Rafael José de Menezes Bastos

Miriam Furtado Hartung

Comissão Editorial do PPGAS

Alberto Groisman

Alicia Castells

Marcos Aurélio da Silva

Miriam Furtado Hartung

Oscar Calávia Sáez

Rafael José de Menezes Bastos

Sônia Weidner Maluf

Tatiane Scoz

Vânia Zikán Cardoso

Projeto Gráfico e Editoração

Marcos Aurélio da Silva

Conselho Editorial

Alberto Groisman – Aldo Litaiff – Alicia Castells

Ana Luiza Carvalho da Rocha – Antonella M. Imperatriz Tassinari

Carmen Sílvia Rial – Deise Lucy O. Montardo – Esther Jean Langdon

Ilka Boaventura Leite – Maria Amélia Schmidt Dickie – Maria José Reis

Márnio Teixeira Pinto – Miriam Furtado Hartung – Miriam Pillar Grossi

Neusa Bloemer – Sônia Weidner Maluf – Theophilos Rifiotis

Vânia Zikán Cardoso

Solicita-se permuta/Exchange Desired

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



Antropologia em Primeira Mão



2009

Antropologia em Primeira Mão é uma revista seriada editada pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Visa à publicação de artigos, ensaios, notas de pesquisa e resenhas, inéditos ou não, de autoria preferencialmente dos professores e estudantes de pós-graduação do PPGAS.

Copyright

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording or otherwise without the written permission of the publisher.

Antropologia em primeira mão / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis : UFSC / Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 2009 - v. 110; 22cm

Irregular
ISSN 1677-7174

1. Antropologia – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social.

*Toda correspondência deve ser dirigida à
Comissão Editorial do PPGAS
Departamento de Antropologia,
Centro de Filosofia e Humanas – CFH,
Universidade Federal de Santa Catarina
88040-970, Florianópolis, SC, Brasil
fone: (48) 3721-9364 ou fone/fax (48) 3721-9714
e-mail: ilha@cfh.ufsc.br
www.antropologia.ufsc.br*



“Porque todos os ‘rebeldes’ falam português”: a circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje¹

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina²
rial@cfh.ufsc.br

¹ Texto publicado no livro Carmo, Renato Miguel e José Alberto Simões (org) 2009. *A produção das Mobilidades - Redes, Espacialidades e Trajectos*. Lisboa, ICS. pp.203-224. Muitos colegas têm contribuído para a pesquisa que fundamenta esse artigo com idéias e sugestões. Agradeço particularmente a Mario Bick com quem tenho mantido um diálogo “esportivo” próximo e produtivo. E também a Bela Feldman-Bianco, Gustavo Lins Ribeiro, Ruben Oliven, Arlei Damo, Simone Guedes, Édison Gastaldo, Gilberto Velho e Roque Laraia que dialogaram sobre essa pesquisa, em diferentes situações. Nenhum deles pode lê-lo, no entanto, o que os isenta de qualquer dos erros aqui cometidos. O CNPq e a Capes, em diferentes momentos, propiciaram os recursos para essa pesquisa, ao que sou grata. Sou reconhecida também à bolsista de Iniciação Científica Natália Tomaz, e aos pesquisadores do grupo de estudos de esportes do Laboratório de Antropologia da UFSC: Matias Gódio, Fernando Bitencourt, Wagner Camargo, Viviane Silveira, Maycon Melo e Mariane Pisani.

² Professora do PPGAS, do PPGICH e do Departamento de Antropologia.

RESUMO

Abordo aqui como no futebol, em diferentes espaços históricos e por diferentes agentes, as categorias étnicas e de identidade continental, nacional e regional têm sido negociadas e manipuladas nos processos de importação de jogadores brasileiros por clubes europeus. Deter-me-ei, sobretudo, em algumas características particulares da população de jogadores de futebol sul-americanos que transitam ou transitaram pela Europa, atuando profissionalmente em clubes-globais, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada com jogadores brasileiros que são celebridades hoje no exterior. Os jogadores de futebol são emigrantes especiais por serem, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria. Analisamos os fluxos de jogadores da América do Sul para a Europa, e particularmente de e para o Brasil, constatamos a permanência e a transformação dos mitos e dos estereótipos associados com os futebolistas sul-americanos, assim como suas estratégias de reação, entre as quais, a formação de “clãs étnicos”.

Palavras-chave: clube global, emigração, futebol, nacionalização.

ABSTRACT

In this paper I look out how in football, in different historic spaces and by different agents, the ethnic categories and those of continental, national and regional identity have been negotiated and manipulated in the processes of importation of Brazilian players by European clubs. Above all, I analyze particular characteristics of the population of South American football players who travel or have traveled through Europe, to work professionally in global clubs, based on an ethnographic study of Brazilian players who are now celebrities abroad. The football players are special immigrants because they are simultaneously labor force and commodity. We analyze the flow of South American players to Europe, and particularly those from Brazil, and find the permanence and transformation of myths and stereotypes associated with South American athletes as well as their strategies of reaction, including the formation of “ethnic clans”.

Keywords: emigration, football, global club, nationalization.

Introdução

A bordo aqui como no futebol, em diferentes espaços históricos e por diferentes agentes, as categorias étnicas e de identidade continental, nacional e regional, têm sido negociadas e manipuladas nos processos de importação de jogadores brasileiros por clubes europeus. Deter-me-ei, sobretudo em algumas características particulares da população de jogadores de futebol sul-americanos que transitam ou transitaram pela Europa, atuando profissionalmente em clubes-globais (Rial 2008)³, a partir de uma pesquisa etnográfica realizada com jogadores brasileiros que são celebridades hoje no exterior.

Enquanto profissão, o futebol é altamente excludente. Calcula-se que, no Brasil, de 100 jogadores que atingem a categoria de juniores (a última antes da profissionalização), apenas 1 torne-se profissional, e 90% desses profissionais receberá como pagamento entre 1 e 4 salários mínimos. Dos 10% que sobram, ou seja, que recebem mais de 4 salários mínimos, calculo que apenas 1% transitará pelos grandes centros futebolísticos mundiais, e destes, apenas uns 500 receberão entre 400 mil a 40 milhões de euros anuais. É com essa minoria da minoria que tenho conversado desde 2003, numa etnografia que viaja junto com eles, em países como a Espanha e Holanda especialmente, mas também França, Japão, Canadá, Bélgica, Tunísia, etc.

Esses *happy fews* são uns cinco mil entre os aproximadamente cinco milhões de brasileiros que vivem hoje no exterior⁴. Muitos estão vivendo em países marginais do sistema futebolístico mundial, como a Índia ou a Arábia Saudita. A maioria dos que contatei, porém, estavam em

³ Exemplos seriam o Real Madrid, Barcelona, Chelsea, Manchester United, Inter, Milan, etc. Os clubes de cidades de pouco destaque político-econômico como Sevilha, Eindhoven e Munique são bem mais importantes no sistema futebolístico do que Nova York, Paris, Berlim ou Los Angeles. Como as cidades-globais, as cidades globais futebolísticas, são nódulos de fluxos que atravessam fronteiras de Estados-nações, e não mais unidades territoriais localizadas no interior.

⁴ Não existem números oficiais para os brasileiros que vivem no exterior, exceto os que vivem no Japão, pois a grande parte da emigração brasileira ocorre sem as documentações exigidas. Porém, esse não é caso do futebol, onde os registros das saídas e entradas, dos retornos, sempre foram precisos e, desde 2002, amplamente divulgados através do site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol, entidade diretamente ligada a FIFA, Federação Internacional de Futebol, organização criada no século XIX e que congrega mais países do que a ONU).

grandes clubes e alguns em clubes-globais, e todos aspiravam para eles se dirigirem.

Numa analogia com a categoria de Sassen (1991, 2003) de cidades-globais, diria que os clubes-globais são os que transcenderam as fronteiras de suas cidades, regiões e mesmo do Estado-nação. Os clubes-globais são nódulos de fluxos econômicos, humanos, midiáticos e simbólicos globais. São clubes que tem torcedores espalhados pelo planeta, jogadores provenientes de diferentes lugares do mundo, que estão presentes na mídia em diferentes países, que concentram capital que circula globalmente, que atingem a imaginação de uma população planetária. O sistema futebolístico aqui, como em outras instâncias, antecipa dinâmicas sociais de globalização. A conexão entre futebol e globalização merece atenção não apenas porque o esporte, e particularmente o futebol detém uma centralidade cultural, refletindo aspectos da globalização, mas também impactando e redefinindo usos do termo globalização. Isso posto, devemos reconhecer que a globalização futebolística é formatada, iniciada e também limitada por contextos societais locais e interações societais específicas entre o local e o global.

O sistema futebolístico vive hoje na chamada era pós-Bosman, momento de adequação do futebol à demanda capitalista de maior flexibilidade nas relações de trabalho, com a substituição de laços de reciprocidade entre o clube e o jogador por relações capitalistas entre o clube empregador e o empregado jogador. Essa maior ingerência do campo econômico sobre o sistema futebolístico aumentou enormemente a circulação dos jogadores entre os clubes, e fez com que os clubes passassem a atuar numa lógica próxima a de empresas capitalistas, ocorrendo até o surgimento de clubes cujo objetivo central é o lucro econômico, auferido com a venda de jogadores, e não as vitórias no campo esportivo. Com isso, ganham espaço certos mediadores das relações de trabalho, os agentes ou empresários como são chamados no Brasil. No caso da circulação transnacional dos jogadores, esses empresários são credenciados pela FIFA, toda a migração devendo ser obrigatoriamente mediada por eles.

Na era pós-Bosman, o futebol tornou-se uma mercadoria global, o campo futebolístico sujeitando-se a leis da econômica neo-liberal (Bourdieu 1998) e interesses das grandes redes de televisão que actuam no mediascape (Appadurai 1990). Os investimentos do capital privado cresceram, sendo freqüentes as inversões de capitais estrangeiros nos

clubes – ainda raras na América do Sul, se comparamos com a Europa. No extremo avançado do sistema futebolístico, que é a Inglaterra, clubes tradicionais foram mesmo comprados por investidores estrangeiros: russos, tailandeses, etc. Uma consequência dessa legislação é a colocação do fator econômico no centro da circulação de jogadores entre países (extinguindo a barreira da origem nacional, que deixa de atuar assim como uma fronteira), com uma grande concentração de talentos nos clubes-globais, atualmente situados na União Européia, que dispõem de maior capital econômico, a ponto de alguns desses clubes terem atuado com equipes compostas exclusivamente por jogadores estrangeiros (caso do Arsenal e do Chelsea).

Os jogadores de futebol que estudo são emigrantes especiais por serem, ao mesmo tempo, força de trabalho e mercadoria (Marx 1978 (1887)): trabalham, concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias (Bittencourt 2007). Mesmo tratando-se numericamente de um fluxo migratório pouco relevante, essa emigração tem impacto não desprezível no *panorama financeiro* e grande presença no *panorama midiático* (Appadurai 1990). Seus protagonistas principais, os jogadores como Ronaldinho e Ronaldo (como outrora Pelé e Garrincha) estão certamente não apenas entre os brasileiros, mas entre os homens mais conhecidos no mundo. São celebridades, e são pretos. Se a confluência entre ser preto e ser uma celebridade futebolística remonta já ao início do século vinte, por exemplo com o negro José Leandro de Andrade, meio-de-campo do mítica equipe vencedora das Olimpíadas e da Copa do Mundo, nem por isso esses eram os mais cortejados no cenário dos grandes clubes da época.

Negros, presença recente

De fato, se analisarmos os fluxos de jogadores da América do Sul para a Europa, e particularmente de e para o Brasil, constatamos que cresceram enormemente nos últimos anos, mas não são de novos. O mundo descobriu o futebol sul-americano já na década de 20, através das vitórias Uruguaias nas Olimpíadas de Paris e Amsterdam, e depois, na Copa do Mundo disputada em Montevidéu. E se encantou, sobretudo, com um tipo de jogador sul-americano, os *dribladores*, capazes de evitar o choque corporal através de gingas. Suas qualidades estilísticas de joga

foram transportadas para o biológico, naturalizadas, e, em seguida, associadas à raça e à nação. Um jornalista francês presente no evento, Maurice Pefferkorn (1944), escreveu sobre os jogadores uruguaios: “Estamos diante de homens que parecem terem encontrado no futebol uma segunda natureza”. Outro jornalista acrescentou: “Vi diante de mim a revelação de um sonho de futebol. Tinha tudo: facilidade, fineza e inspiração” (Ryswick 1962:45 apud Lanfranchi e Taylor 2001:69). E essa descoberta teve ares de deslumbramento.

O mito associado com os futebolistas sul-americanos, construídos com homens de habilidades corporais especiais e qualidades estéticas remarcáveis, começou então a ser fabricado também da Europa. A Europa, e especialmente a França, atravessava um momento de efervescência cultural e a descoberta do Outro negro se dava em muitas instâncias, o futebol sendo apenas uma delas. “Era a época dos ‘anos loucos’ do *Ballets nègres* e de Josephine Baker em Montparnasse e Carlos Gardel e o tango argentino em Paris.” (Lanfranchi 2001:70), era época em que músicos negros americanos de fox-trot e de jazz band, músicos negros brasileiros de chorinho (Menezes Bastos 2007) e lutadores negros excursionavam pela Europa. E era a época em que antropólogos e artistas excursionavam pela África (Clifford 1988, Grossi 2006).

Na América do Sul, especialmente no Brasil, o futebol muito cedo foi associado imaginariamente aos negros, ainda que na prática, as barreiras a presença de jogadores negros nos clubes tenham levado muito tempo para serem derrubadas. Essa associação deu-se no embate entre diferentes visões da identidade nacional. No Brasil num imaginário que remonta aos séculos coloniais, à escravidão, o uso das negras como amas-de-leite para os brancos, amantes ou/e reprodutoras de força de trabalho escravo tem como contrapartida para os homens também a idéia de um corpo superior (Rial 2007) que se confirma quando se trata de representar o futebol. O negro é visto como um artista no uso do corpo, e vai expressar sua arte em práticas corporais que imaginariamente são associadas: o samba e a futebol. Assim, o futebol no Brasil é visto como negro, aliás, mulato, e isso já aparece na afirmação de Gilberto Freyre:

“Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas, as técnicas européias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo nosso – psicológi-

camente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisíaco a seu jeito – o grande feito mulato⁵.

Num parágrafo, Freyre define não apenas o estilo de futebol, mas também do que seria homem brasileiro: ágil, mole, com curvas. O futebol expressaria assim as capacidades físicas imputadas aos pretos desde o tempo do teórico racista Gobineau⁶, mas aqui re-significadas positivamente. A habilidade para a sua prática é no imaginário popular vista como inata - “futebol não se aprende na escola”, “craque já nasce feito”, “tá no sangue” - tão inato quanto à raça dos seus especialistas maiores, os pretos e mulatos.

Essa visão que relaciona sangue, raça, corpo, nação e estilo de jogo é retomada mais recentemente nos escritos antropológicos de Roberto Da Matta, no Brasil. E, de modo mais crítico, aparece desconstruída nos estudos sobre a fabricação do mito de um estilo nacional de Leite Lopes (1994), no Brasil, e de Eduardo Archetti, na Argentina (1998, 1999). Nos dois países, o futebol tem sido intensamente apropriado como chave explicativa de identidades nacionais e associado com ethos nacionalmente localizados e masculinidades particulares.

Da Matta (1982) enfatiza a qualidade moral da “malícia” que se traduz corporalmente em “jogo de cintura” que não se encontraria em nenhum outro futebol, o nosso sendo um futebol menos autoritário, mais artístico. Já Archetti (1999:1), ao analisar as crônicas esportivas da revista *El Gráfico* dos anos 20 e 30, entre as quais se destacam as escritas pelo jornalista Ricardo Lorenzo ‘Borocoto’, vai apontar a fabricação do mito de um futebol *criollo* na Argentina, que não é um estilo “puro”, e sim o resultado de uma hibridização, da mistura dos emigrantes italianos e espanhóis com os índios, presente entre as camadas subalternas. Uma na-

⁵ FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. v.1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945, p.432

⁶ Joseph Arthur Gobineau, diplomata, escritor e filósofo francês, foi um dos mais importantes teóricos do racismo. Seu livro mais conhecido, “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” (1855) foi um dos primeiros trabalhos sobre a eugenia e o racismo no século XIX. Para Gobineau, a mistura de raças era inevitável e levaria a raça humana a graus sempre maiores de degenerescência física e intelectual. Atribui-se a ele a frase: “Não creio que viemos dos maçados, mas creio que vamos nessa direção”. Gobineau esteve no Brasil por apenas um ano, em missão diplomática a mando de Napoleão III, e apesar de ter detestado o país, manteve longa correspondência com D.Pedro II. Embora o imperador não compartilhasse suas idéias racistas, nutria para com o filósofo Francês sentimentos de amizade.

tureza particular associada aos homens determinaria um estilo próprio de se jogar futebol e de expressar a masculinidade. *Criollo* como os cavalos que misturaram seu sangue resultando em uma nova raça, distinta da de puro-sangue europeus, mais resistente, mais forte. Teríamos assim uma essência *criolla*, gaúcha, capaz de fertilizar a essência européia, italiana e espanhola, e produzir novos seres masculinos, construtos específicos e peculiares, mas não unívocos, machos híbridos no futebol e na nação.

Na Argentina, a partir dos anos 30, o estilo nacional é miticamente construído como superior ao dos seus inventores europeus, numa morte psicanalítica do pai; no Brasil isso esperará mais algum tempo para acontecer.

O futebol profissional inglês primeiro nos goleia, porém depois, o futebol amador, *criollo* obtém resultados contra o futebol de alto rendimento. Ao menos, no imaginário, porque na realidade não competem. Será um futebol totalmente insular. (Archetti 1999).

Insular, pois ingleses e *criollos* não se misturavam no início do futebol. E quando isso ocorre, em jogos assistidos por milhares de pessoas, o resultado era previsível. Como as crônicas do jornal inglês *The Standard* trataram de mostrar, os ingleses no início do século venciam sempre porque jogam um *scientific-football* no qual se ressalta a competência do *heading*, da boa utilização do cabecear – atente-se bem a esse detalhe anatômico: a cabeça é a parte do corpo ressaltada como sendo acionada pelos ingleses com maestria e inegável superioridade. Mas essa superioridade não se fixava no órgão da razão: “Tudo é científico: a postura, o corpo, a massagem, o cuidado com o músculo. Vão criando esse imaginário que vai se generalizar” (Archetti 1999).

Do mesmo modo que no Brasil, onde à disciplina e força de vontade dos *ingleses*, opõe-se, ao estilo nacional e ao de masculinidade representado como *individualista, sensível, artístico e baseado na improvisação*. Nos dois países, portanto, é a habilidade, não a força, que marca o futebol *criollo* ou *mestiço* (Leite Lopes 1998), apropriando para o esporte a terminologia racial usada para o resultado de uma mistura de sangues.

Já houve tentativas de se explicar historicamente a preferência das camadas subalternas de então pelos dribles sobre o contato físico, como sendo uma estratégia de resistência dos pretos e mulatos quando dos raros confrontos com equipes de homens brancos. Dado o alto grau de racismo e as previsíveis punições em caso de se atingir fisicamente um

branco, o drible foi o modo encontrado por *criollos* e *mestiços*, pretos e mulatos para evitar a proximidade física durante uma disputa esportiva.

Seja qual for a sua origem, o fato é que esse imaginário de um futebol habilidoso e driblador passa a ter correspondência na Europa. A primeira leva de importação de jogadores, a partir dos anos 30, o será composta massivamente por jogadores habilidosos, criadores, e não pelos mais fortes.

A quem importa a Europa? Importam os criadores, como sempre foi. Não importam aos *troncos*, as *bestias*. Levaram "insiders" durante um longo período, "insiders", "wings" e "centro-forwards". O único "centro-half" que importaram foi Monti. Durante um longo período se produz somente isso. E chegam ali, na Europa, e a param, a pisam, a distribuem, tem "olhos na nuca". Os europeus começam a reproduzir o mito. E então isso ajuda a criar o imaginário, o propaga. (Archetti 1999)

Quem é importado pela Europa? A questão pode ser re-colada de um outro modo. Em que categoria social, racial, étnica se buscou os primeiros jogadores aqui para irem atuar na Europa? E a resposta contém uma surpresa. Porque na Argentina, o *criollo* evoca o rural, o gaúcho; no Brasil, o malandro evoca os moradores de favelas de Salvador, Rio Janeiro, e pretos ou mulatos. É interessante notar, no entanto, que foram os jogadores brancos, provenientes do meio urbano, de Buenos Aires e de São Paulo, os que a Europa primeiro importou, a começar por Julio Libonatti, o ítalo-argentino que deixou o New Old's Boys pelo Torino em 1925, constituindo-se na primeira transferência transatlântica de que se tem registro. E continua preferindo.

É preciso deixarmos de lado por hora esse imaginário de um futebolista com qualidades especiais para nos determos em alguns dados demográficos que ajudam a explicar a proveniência social desses primeiros jogadores importados. Dos cinco milhões de emigrantes europeus que estavam no Brasil nos anos 1930, 34% eram de origem italiana. Era uma presença tão significativa que, se diz, que pela metade dos anos 20, havia mais italianos em São Paulo do que em Veneza. A primeira onda de migração de futebolistas brasileiros para a Europa concentrou-se nesse grupo de emigrantes e, mais precisamente, nos jogadores desse grupo de emigrantes que atuavam em apenas um clube paulista: o Palestra Itália. Não era um clube qualquer, esse que veio a ser o atual Palmeiras (Campos 2001). Nos anos 1930, ele contava com um numeroso contingente

de sócios, cinco mil, o que representava um número bem superior às poucas centenas de sócios das Associações Culturais e do Circulo do Partido Fascista. Saíram do Palestra Itália para a Itália quatorze dos vinte e seis jogadores brasileiros registrados como tendo saído do país entre 1929 e 1943 (Lanfranchi e Taylor 2001:81). Eles se dirigiram para a Itália, aproveitando as vantagens de um mercado que pagava salários bem mais vantajosos, e logo ganharam grande visibilidade no cenário futebolístico do país. Era tão grande a presença brasileira na Itália em alguns clubes que a Lazio, por exemplo, era chamada de Brazilazio (Fontenelle 2005).

É importante notar que legalmente, essa não era uma imigração uma vez que os descendentes de italianos eram vistos como *rimpatriati* gozando de direitos plenos de qualquer cidadão italiano. Alguns jogadores mudaram de nome para melhor atender a esse perfil, trocando o apelido ou o primeiro nome com o qual eram conhecidos no Brasil pelo sobrenome, o que ainda hoje ocorre, mas em menor número. Assim Filó tornou-se Guarisi na Itália, sendo o primeiro brasileiro campeão do mundo jogando pela seleção italiana.

Quando o Brasil entra na guerra, Palestra Itália torna-se Palmeiras, desmantela-se a rede de agenciamento das emigrações. De outra parte, nos anos do pós-guerra, as leis regulando o acesso dos jogadores de fora do país mudam na Itália e, em seguida, em outros países europeus. A Federação Italiana passa a restringir, a partir de 1947, a cinco o número de jogadores provenientes de federações estrangeiras que poderiam atuar em um clube, e a três o número dos quais poderiam ser cidadãos estrangeiros (Lanfranchi e Taylor 2001, 90). O constrangimento atinge os sul-americanos descendentes de italianos que, mesmo não sendo vistos como estrangeiros, provem de uma federação estrangeira. De *rimpatriati* os jogadores descendentes de italianos passam a ser considerados *oriundi* (que na Espanha quer dizer originário de), e que poderiam requisitar a cidadania italiana ou espanhola, já não automática. Tínhamos portanto três categorias de jogadores: nacionais, *oriundi* e estrangeiros, e os *oriundi* estavam mais próximos dos estrangeiros do que dos nacionais. Tanto é assim que a partir de 1949, a Liga Italiana de Futebol os iguala limitando a presença nos clubes de apenas três jogadores de Federações estrangeiras, sejam estrangeiros ou *oriundi*.

Outra mudança significativa nas relações de venda do Brasil para a Itália concernou o clube de origem do jogador exportado. Essa era uma

migração que já não partia de um clube apenas, os 35 jogadores recrutados no Brasil pelos clubes italianos entre 1949 e 1964 saíram de 13 diferentes clubes brasileiros, todos localizados no Rio (Botafogo) e em São Paulo (Palmeiras, Santos e Portuguesa).

As legislações são nacionais e dependem das Federações tanto quanto das leis do país. Nos anos 70, Espanha fechou fronteiras para imigrantes, mas não para *oriundis*, esses deveriam agora não apenas ter pais espanhóis, mas também não ter atuando pelas seleções nacionais do seu país de nascimento. A partir de 1973, se libera para dois estrangeiros por equipe. Na França limitou-se a dois jogadores estrangeiros por equipe ao longo dos anos 70 e 80, o que impediu um forte fluxo migratório (Lanfranchi e Taylor 2001).

Rimpatriati ou *oriundis*, eram todos brancos. Os jogadores negros só começaram a ser importados pelos clubes europeus depois das vitórias brasileiras nas Copas de 1958 e 1962, e como resultado do sucesso de Pelé⁷. Jogadores negros então passaram a atuar também na Espanha e na França⁸. Didi atuou no Real Madrid nos anos 50, já com 32 anos, uma temporada frustrada, onde não se entendeu com os ídolos brancos Puskas e Di Stefano⁹. A razão da continuidade desse fluxo alicerçava-se, do lado europeu, na crença de que só entre os sul-americanos encontrariam um futebol habilidoso, e do lado dos jogadores, nos ganhos monetários. Já então as diferenças salariais já eram abismais: Pepe Schiaffino, o melhor jogador uruguaio dos anos 50, ganhou três vezes mais ao se transferir para o Milan em 1954, e seu salário correspondia a sete vezes mais do que recebia Didi, o mais alto salário no Brasil.

É importante notar, como faz o trabalho do Vabre (2008) analisando as imagens e textos da revista *O Cruzeiro*, que também no Brasil é a partir dos anos 1960 que os negros ganham espaço no futebol, pois antes estiveram excluídos da prática institucionalizada durante várias déca-

⁷ Amarildo transferiu-se do Botafogo para o Milan; Cane do Olaria para o Nápoles; Jair, da Portuguesa para o Inter; Nenê, do Santos para o Juventus e Germano do Flamengo para o Milan.

⁸ Brandãozinho jogou no Cannes, Mônaco e Nice, entre 1952 e 1957. Yeso Amalfi jogou na França.

⁹ Di Stefano, hoje tido como “o melhor jogador do mundo” pelos torcedores do Madri e assim apresentado no Museu do estádio Santiago Bernabeú, é um bom exemplo desses trânsitos migratórios multiculturais: seus avós eram de quatro diferentes nacionalidades: da Itália, Argentina, França e Inglaterra.

das. Os poucos negros na seleção em 1950 foram acusados de indolência, falta de capacidades morais e culpados pela derrota anos 1950 e 1954. E em 1958, o lema do chefe da delegação brasileira na Suécia, o legendário Paulo Machado de Carvalho, ainda era “antes do jogador, vem o homem” o que na época traduzia as restrições a comportamentos tidos como desviantes, caso que Garrincha ilustra soberbamente (Leite Lopes 1998). Sabe-se que Pelé e Garrincha ingressaram na equipe principal pela demanda dos outros jogadores, pois a comissão técnica, seguindo o diagnóstico do psicólogo da delegação, não os considerava aptos.

A viagem, já apontava Lévi-Strauss (s/d), é deslocamento geográfico, mas é também deslocamento na hierarquia social e nesse caso, o deslocamento na hierarquia racial. Brancos (ou moreninhos no Brasil) são negros na França, Alemanha, Holanda, e podem sofrer com gritos de “macacos” da parte de torcedores que, como sabemos, não raramente expressam racismo e homofobia¹⁰. A maior parte dos jogadores que entrevistei, porem, não se viam como pretos e ficariam certamente chocados em saber que são vistos assim nos países europeus onde atuam. Lembro de ter perguntado sobre racismo a um jogador e ele responder: “existe sim, meu irmão que é negro sofre muito”, ele mesmo não se considerando preto.

Brancos ou não, o fato é que depois da grande evasão das primeiras décadas do século vinte, as saídas de jogadores brasileiros para a Europa parecem ter decrescido consideravelmente, em parte pelas mudanças na regras das Federações nacionais que tornaram essa migração mais difícil e em alguns casos impossíveis, como para centros futebolísticos importantes como a França e a Espanha, que fecharam suas fronteiras em 1962, e a Itália, que fechou suas fronteiras em 1966. No caso da Espanha, porém, esse fechamento tinha uma exceção, os *oriundi* podiam ser importados. Só que agora a ascendência espanhola não era o único critério, pois para um jogador ser considerado *oriundi* não poderia ter atuado pela seleção do país de origem. Espanha que a partir de 1973 permitiu a

¹⁰ É interessante notar as ambigüidades presentes no sistema futebolístico, ao mesmo tempo espaço para manifestações racistas, freqüentes nos estádios em países como Rússia, Itália, Espanha, mas um dos maiores veiculadores de denúncia desse racismo, através de campanhas de grande visibilidade midiática. Já a homofobia, freqüentemente presente nos gritos dos torcedores em relação ao árbitro e a torcida adversa, tem recebido menos visibilidade midiática e desconheço a existência de campanhas oficiais contra essa expressão de preconceito.

presença de dois estrangeiros em cada clube. Também foi crucial para a diminuição das importações a decisão da FIFA em 1964 de proibir a participação de um jogador em mais de uma seleção nacional.

O fechamento de fronteiras de centros futebolísticos importadores teve impacto sobre o fluxo migratório porem não parece ter alterado o imaginário europeu que relacionava os jogadores sul-americanos com o futebol mais bonito de se ver jogar, de dribles. Não se conhece os dados exatos do fluxo migratório da América do Sul para a Europa na década de 1960 e 1970, essas saídas teriam de ser pesquisadas, mas um quadro elaborado por Fontan (1963) mostra que eram apenas cem os jogadores brasileiros atuando no exterior em 1963, oitenta e quatro deles nas divisões principais, sendo 32 na América e os restantes na Europa: 21 em Portugal, 18 na Itália, 12 na Espanha, 1 na França e 1 na Áustria. Um número bem menor do que o de argentinos, e essa tendência permanece nas décadas seguintes, onde só estabelecerão uma presença numericamente significativa em Portugal¹¹. Nos anos recentes, os números voltaram a indicar uma preferência pelos brasileiros. Não dispomos de estatísticas on-line da AFA como temos da CBF, de modo que a comparação torna-se difícil e inexata. Segundo pesquisa do antropólogo Matias Gódio, em 2005, saíram dos clubes da primeira divisão do futebol argentino para o exterior um total de 127 jogadores e retornaram ao país 102 jogadores. “Tanto da Argentina para o exterior, como o inverso, quase 60% dos jogadores são negociados no mercado latinoamericano. O principal comprador de jogadores argentinos na Europa é a Espanha, com 18 jogadores em 2005, e na América é o México, com 26 jogadores em 2005” (Gódio 2007).

A ainda que tenham se multiplicado por centenas (em 1980/1981 eram apenas 27 os brasileiros na Europa; em 2007/2008, transferiram-se para a Europa 658 jogadores brasileiros), Portugal continuou sendo o país que lidera, e com folga, a atração dos jogadores brasileiros na Euro-

¹¹ Segundo um quadro elaborado por partir da consulta a *Almanaques Europeus*, na temporada de 1980/1981 tínhamos na Europa: Áustria (2 uruguaios), Bélgica (2 argentinos, 5 brasileiros, 1 chileno e 1 peruano), Inglaterra (4 argentinos e 1 uruguaio), França (12 argentinos, 2 brasileiros e 4 uruguaios), Alemanha Ocidental (1 brasileiro), Grécia (8 argentinos, 1 brasileiro e 1 peruano), Itália (2 argentinos, 4 brasileiros) Portugal (19 brasileiros e 1 paraguaio), Espanha (39 argentinos, 4 brasileiros, 15 paraguaios e 10 uruguaios), Suíça (1 brasileiro). Cf. Lanfranchi e Taylor 2001:102.

pa, com cerca de 30% do total das transferências entre 2002 e 2008¹², o segundo lugar variando a cada ano entre Espanha, França, Croácia ou Itália e ficando com não mais de 7%. Na América, é o rico futebol Mexicano o que mais atrai brasileiros.

“Preguiçosos e peseteros”

Assim como é difícil pensar em termos de Europa quando se trata deste fluxo migratório que se concentra em apenas alguns centros futebolísticos, também é duvidoso o uso da categoria mais abrangente de sulamericano para identificar, atualmente, esses jogadores. Os argentinos a partir dos anos 70 perderam parte de sua notoriedade dada a repercussão negativa da violência relacionada a alguns de seus clubes, sobretudo o River Plate (Gódio 2008). Os brasileiros mantiveram intacta a popularidade, contudo, à bela imagem de futebolistas com habilidades naturais privilegiadas desde o início não apresentou (e continuam a não apresentar) correspondência nas avaliações dos seus comportamentos morais.

Já em meados dos anos 30 encontramos matérias de jornais com críticas ácidas as condutas de jogadores sul-americanos fora-de-campo: “Estamos cansados desses ‘italianos’ que não falam Italiano, não assistem os jogos de suas equipes. Pode parecer xenofobia, mas preferimos produtos nacionais” escreve um jornalista citado por Leite Lopes. Essas acusações não eram na Itália dirigidas exclusivamente aos brasileiros, como lemos nesse trecho da revista esportiva Miroir Sprint de 15 de fevereiro de 1960, onde os argentinos Sivori, Balão de Ouro em 1961, e seu compatriata Libonatti são representados como excêntricos e preguiçosos:

“As anedotas relacionadas com Sivori são ricas e diversas, ainda que ele não fosse dado a tantos excessos quanto Libonatti, que costumava comprar vinte e cinco camisas de uma vez, ou Cesarini que um dia chegou para o treino vestindo apenas um ropão. Em geral, os *oriundi* são extravagantes. Antes de cada partida, Sivori aposta com Agnelli, diretor da Juventus e também da FIAT: se faz um gol, pode fumar um cigarro tão logo volte para o vestiário. Se não, o diretor é quem acende o seu cigarro. Sivori é preguiçoso. Ele gosta de dormir até o meio-dia. Ele já perdeu treinos mais de uma vez e teve que ser acordado para aprontar-se para jogos.” (apud Lanfranchi e Taylor 2001:93)

¹² Dados elaborados a partir do site CBF, disponível em <http://www.cbf.com.br/>.

A falta aos treinos, o dormir até ao meio-dia presentes nos anos 1920/30 de Libonatti, retomadas nos anos 1960 com Sivori, ecoam as reprimendas constrangidas que ouvi dos holandeses em relação a um brasileiro legendário lá, Romário, no PSV Eindhoven entre 1988 e 1993, em que o clube viu-se obrigado a flexibilizar as normas, pois não podia punir reiteradamente o goleador da equipe, o jogador que decidia partidas e campeonatos.

Dois episódios recentes, envolvendo jogadores em atividade no Real Madrid, ajudam a visualizar bem o preconceito em relação aos brasileiros. O primeiro, que numa apropriação curiosa de uma categoria antropológica chegou a ser designado pela imprensa espanhola como “clan brasileño”, ocorreu em um momento em que este clube-global contava com a presença de um técnico e de cinco jogadores brasileiros, a saber, Roberto Carlos, Ronaldo, Júlio Batista, Robinho e Cicinho. Esses jogadores passaram a comemorar os seus golos com coreografias ensaiadas no vestuário e da qual os outros jogadores da equipe se sentiam excluídos. Essas danças e acrobacias tiveram bastante destaque na imprensa e, se inicialmente foram saudadas como engraçadas e divertidas, em seguida passaram a ser representadas como uma tentativa de formação de um clã brasileiro, recebendo comentários azedos de jornalistas, colunistas, jogadores e fãs do clube. Na matéria intitulada “A dança da discórdia”, um jornalista do *El País*, relatou assim a polêmica comemoração:

“Em um vestiário em que um treinador e quatro ajudantes brasileiros impõem as regras, o poder de Roberto Carlos, Ronaldo, Baptista e Robinho é cada vez mais evidente. A dança do sapo, portanto, é uma exibição de poder a qual os demais jogadores assistem desconfiados. Os espanhóis não vivem uma época prospera no clube: Raúl está cansado de tentar liderar uma equipe na qual a cada temporada se contratam mais competidores, Casillas continua sem renovar, Helguera pensa que não o querem, Salgado joga ameaçado pela sombra de Cicinho, e Guti tem a desconfiança do treinador, Vanderlei Luxemburgo. Éste foi padrinho de Roberto Carlos em seu casamento. A Ronaldo nao lhe falta a força: seu amigo e Florentino Pérez. Fontes do clube asseguram que o presidente não gosta dessas pantomimas, mas prefere deixar a água correr. Não quer perturbar Ronaldo com algo que não é considerado um problema grave”. Torres (2005).

O editor chefe da seção Real Madrid do jornal *Marca*, José Félix Díez ecoou as críticas, declarando: “A divisão era clara. O melhor exem-

plo foi a besteira da comemoração da barata (jogadores imitando baratas, deitados de bruços, mexendo pernas e braços).” O zagueiro espanhol Helguera, numa demonstração rara entre jogadores, confirmou o incômodo causado entre os outros jogadores da equipe pelo brasileiros: "Não parece que jogam em equipe. Isso de comemorar gols só entre eles é uma falta de respeito ao time porque, quando um marca um gol, o gol é do Real Madrid, é do time todo. O clã prejudica o time", disse o zagueiro¹³.

O clã não teve uma duração muito longa e, uma vez demitido o técnico Luxemburgo, os outros jogadores foram saindo um a um. O último a sair, Robinho, que forçou sua venda para o Manchester City pela soma mais elevada dos últimos anos, contra o vontade do técnico e dos dirigentes, foi o estopim de outro momento de pesadas manifestações contra o jogador e os brasileiros de modo geral. As reações dos espanhóis registradas no site do jornal *Marca* deixam perceber as representações negativas que cercam hoje a identidade de brasileiro na Espanha.

“Que as equipes espanholas pensem um pouco na hora de contratar brasileiros. Se olham para as contratações realizadas na Europa, verão que crianças malcriadas são, exceto algum caso estanho”.

Os brasileiros, a longo prazo sempre causam problemas na equipe em que estão. Eles vem para ganhar dinheiro e não ligam para as cores (do clube)”

“Menos samba e mais trabalhar”

“O brasileiro tem talento para estar na equipe branca, quiza lhe falte a força mental e o compromisso que requer o clube esportivo mais importante de todos os tempos”.

“Veio como PELÉ e saiu como BATATA e ainda quer cobrar como estrela. Fora com essas crianças que vem do Brasil, que se creem deus e não são ninguém, fora, fora. Robinho de Sousa. Ah, como tremem os tornozelos dos brasileiros????”

"O Madrid recebe o seu próprio remédio, de modo que não me dá pena, mas é vergonhoso o comportamento desses mercenários do futebol, assinando contratos colar hipermillionarios para chutar uma bola e, em seguida, nada de cumprir-los. Malcriados. "

"Porque todos os " rebeldes "falam português? e porque não dizer que quase sempre são brasileiros? (Alves, Robinho, Ronaldinho, este últimos no ano passado, mas tb Rivaldo, Ronaldo, Romário ...) e nada, essas equipes continuam contratando estes jainhas. "

"Todos os jogadores são mercenários... gente como Raul ou Puyol restam

¹³ http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2005/12/051205_luxemburgoms.shtml

muito poucas ... e mais ainda brasileiros, que seria capaz de vender sua mãe por dinheiro ... robinho = mercenário e dinherista (pesetero)"
"Estamos falando de uma criancinha e, além disso brasileiro."
"És um carioca ingrato + q se cre especial porque deram destaque a tua habilidade de fazer 14 bicicletas seguidas".¹⁴

Os textos são eloqüentes: os brasileiros são mercenários, rebeldes, covardes, infantis. Outra idéia recorrente entre os comentários dos torcedores, é a de que o clube espanhol os tenha salvo da miséria no Brasil.

"Reconheça Robinho, és um dinherista (pesetero) e é isso !!!!! Você acha que é o melhor e não és mais do que um jogador a mais!! como podes criticar ao clube que te matou a fome? Os mal-nascidos como você, como quase todos os brasileiros que perdem a vergonha por dinheiro, e que só gastam seu tempo em festas, sem render no campo. Dinheristas!"
"O Madrid te deu de comer e te deu um nome na Europa, não acho que deverias cagar no prato de comida de quem te deu o quê comer, o que você queria era o seu dinheiro e ponto"
"O Madrid te tirou da miséria quando estavas na pior, com o seqüestro de sua mãe e tudo isso."

Os comentários dos torcedores não encontram apoio nos fatos pois a maior parte dos jogadores atualmente nos grandes clubes europeus foram contratados quando já tinham uma posição solidamente estabelecida no Brasil, ainda que não recebessem os salários milionários que obtêm nos clubes-globais:

Nem Europa, nem Sul-americanos: identidades nacionais e regionais

Se é verdade que até décadas recentes os jogadores sul-americanos eram vistos como formando um grupo indistinto e censurados em bloco pelas possíveis esquisitices, com o tempo, algumas origens étnicas passaram a ser representadas como piores do que outras. Assim, essa identidade mais coletiva e englobante de jogador sulamericano foi sobrepujada pelas identidades nacionais. E os brasileiros passaram a liderar o ranking dos *bad-boys*, na visão dos torcedores, jornalistas e dirigentes, sobretudo na Espanha.

Robinho recebeu críticas também no Brasil, por forçar sua saída do

¹⁴ <http://app5.marca.com/Servicios/ComentariosNoticias/Controlador>

clube madrilenho estando um contrato em vigor. Em sua defesa, contudo, é preciso reconhecer que o salário de menos de 3 milhões de euros que recebia representava metade do salário de outros jogadores espanhóis da equipe, como Guti e Raul, que não tinham e não têm uma importância comparável no campo futebolístico mas que detinham e detêm posições de domínio político no clube. Não obstante, para além do episódio dessa ruptura entre clube e jogador, as milhares de reações acusatórias ao jogador e extensivas a todos os jogadores brasileiros, escritas com paixão pelos torcedores nos blogs dos jornais que reservam espaço para comentários, revelam a desvalorização histórica dos brasileiros no Real Madrid. E mostraram também os limites da identidade de sul-americano na Espanha.

Contrariamente aos argentinos, que mereciam uma atenção especial desde os tempos do fascismo franquista, ecoando um imaginário imperial na relação com as ex-colônias, os brasileiros sempre foram admirados pelo seu talento no futebol, mas vistos com desconfiança quanto as suas qualidades pessoais. Ou como bem sintetiza um dos torcedores citados, “com talento, mas sem a força mental e o compromisso” necessários.

O preconceito madrilista não pode ser generalizado para todos os clubes europeus, e mesmo na Espanha, é preciso reconhecer que há clubes considerados mais *brazilian-friendly* que outros. O Barcelona, por exemplo, o clube catalão que se opõe em tudo ao Real Madrid, opositor do governo franquista ao passo que o Real era um de seus embaixadores, que tem como slogan “mucho más que un club”. Ser brasileiro é uma identidade étnica valorizada positivamente também em vários clubes que visitei na França, Canadá, Japão, Bélgica. Ouvi de um dirigente holandês que o clube tinha pretensões de se destacar num cenário internacional e por isso precisava de jogadores brasileiros: “todos os grandes clubes tem jogadores brasileiros, nós também”. Em outros clubes, ser argentino é melhor cotado; em outros ainda, argentinos, brasileiros, colombianos e etc. continuam sendo englobados por uma identidade comum, a de sul-americano. A identidade étnica parece funcionar como ações em uma bolsa global, com subidas e descidas cíclicas, e, sem que seja oficial, parece existir uma cotação de risco relacionada as essas diferentes etnias que provavelmente tem impacto no valor monetário.

Não disponho de evidências empíricas, mas ousou formular a hipótese de que muitos dos jogadores em atividade na Europa foram importa-

dos pela qualidade de suas performances, mas também pela nacionalidade, cor da pele, nome e região de proveniência também contam. Entre dois jogadores com performance semelhante, será preferido o mais claro, com um nome mais fácil de ser transformado em marca comercial e com uma nacionalidade com mais tradição no campo futebolístico.

Para além do continente, para além de países, hoje as identidades regionais e as características morais a elas imputadas parecem contar como critério de preferência nas importações, em quem a Europa importa. A esse respeito cabe lembrar o curioso e-mail que recebi de um dirigente de um clube holandês, que me colocou diante de uma situação inédita como antropóloga: a de conselheira. Ele escreve:

“Cara Carmem,

Tudo bem? Eu só queria agradecer por todos os conselhos que me destes, quando conversamos. Foi muito útil para nós. Tenho uma outra questão, se me permite, para qual eu poderia usar um conselho seu. Estamos prestes a assinar com um jovem jogador brasileiro do estado da Bahia. Ouvimos dizer que os jogadores a desta área, em geral, têm muito mais dificuldades em ter sucesso no estrangeiro do que os cariocas e os paulistas. Diria que há alguma verdade nisto? Você teria sugestões sobre a melhor forma de se aproximar dele, ganhar sua confiança e ajudá-lo a ter sucesso? O garoto de quem estamos falando parece muito tímido, quase desconfiado. Ele vem de uma família desestruturada, passou a maior parte de sua juventude na escolinha de futebol de uma dos maiores equipes do estado da Bahia.

Eu realmente espero que possas ajudar, muito obrigado por enquanto! Met vriendelijke groet/ Cordialmente”.¹⁵

Percebe-se ali que as qualidades negativas associadas aos brasileiros são regionalizadas também, e uma nova hierarquia aparece, correspondendo a hierarquia econômica e social interna ao Brasil: São Paulo e o Rio de Janeiro tendo prioridade sobre o nordeste.

¹⁵ “I just wanted to thank you for all the advice you gave me when we spoke. It was very useful for us. I have another question, if I may, that I could use your advice on. We are about to sign a young Brazilian player from the state of Bahia. We have heard that players from this area in general have a lot more problems in succeeding abroad than Cariocas or Paulistas. Would you say there is truth in this? And would you happen to have suggestions in the best way of approaching him, winning his trust and helping him succeed? The kid we are talking about seems very shy, suspicious almost. He comes from a broken family and has spent most of his youth in the youth academy of one of the bigger teams in Bahia. I really hope you can help, thanks a lot for now! Met vriendelijke groet / Kind regards.”

Considerações Finais

Se analisássemos, em uma visão panorâmica, a imigração de jogadores brasileiros desde os anos 30 comparando-a com a imigração dos jogadores provenientes da Argentina e do Uruguai, teríamos que reconhecer que a dos brasileiros foi menos bem sucedida e permaneceu marginal até décadas recentes. Os motivos apontados para esse insucesso são os mesmos que encontrei entre os jogadores no exterior que não resistiram ao sofrimento do exílio e retornaram ao país: saudade do Brasil e inverno europeu muito rigoroso. Do ponto de vista dos clubes, isso era visto como desinteresse - desinteresse em aprender a língua, em socializar com outros jogadores locais - e como uma tendência a formação de clãs, o que levava a tensões nos vestiários e acirrava rivalidades.

Porém, uma visão mais de perto dificilmente permitiria se pensar a Europa tendo uma unidade na sua representação dos jogadores estrangeiros. O que é a contrapartida das representações que tem os jogadores brasileiros dos diferentes países, principalmente, dos diferentes clubes europeus (Rial 2008). Mas isso já seria tema para um outro artigo. 🙌

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. 1990. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *Global Culture*, org. Featherstone, Mike, 295-310. Londres: Sage Publications.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. 2000. *Imigração e Futebol: O caso Palestra Itália*. São Paulo: Fapesp/editora Sumaré.
- ARCHETTI, Eduardo P. 1998. Le football et le tango dans l'imaginaire argentin. *Société & Représentations* 7: 117-27.
- ARCHETTI, Eduardo P. 1999. *Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg
- BITENCOURT, Fernando. 2007. Simmel e o Futebol: da comunidade de afeto à equivalência abstrata do dinheiro. Comunicação apresentada na VII Reunião de Antropologia do Mercosul, 26-27 julho, UFRGS, Porto Alegre.
- BOURDIEU, Pierre. 1998. L'État, l'économie et le sport. *Société & Représentations* 7.
- CAMARGO, Wagner X. de. 2008. Masculinidades queer em disputa: Etnografia de competições Gays em Eventos Globais. Texto de qualificação do doutorado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina.
- CLIFFORD, James e MARCUS, George. 1988. *The Predicament of Culture: Twentieth Century Ethnography, Literature, and Art*. Cambridge: Harvard UP.
- DA MATTA, Roberto. 1982. *Universo do Futebol. Esporte e sociedade brasileira*. RJ: Pinakotheke.
- FRYDENBERG, Julio David e Giano, Roberto Di. 2000. *El fútbol de la Argentina. Aproximaciones desde las ciencias sociales (II)*. Entrevista a Eduardo Archetti em <http://www.efdeportes.com/efd22/archet.htm> consultado 27.11.2008
- FONTAN, Alain. 1963. *Divin Football Brésilien*. Paris: Table Ronde.
- FONTENELLE, Airton. 1988. Tutto Brasiliano In: *Jornal de Fortaleza* 31 de agosto.
- GÓDIO, Matias. 2007. *Relatório de Visita à AFA*. Fotocópia, 2 pp.
- GÓDIO, Matias. 2008. "Las representaciones del fútbol en el context de las violencias argentinas". *Imaginário Cultural*, 29 de julho.
- GROSSI, Miriam, Antônio Motta e Julie Cavignac. 2006. *A antropología Francesa no século XX*. Recife: Massangana.
- LANFRANCHI, Pierre e TAYLOR, Matthew. 2001. *Moving with the ball*. Oxford/New York: Berg.
- LEITE LOPES, J. S. ; Maresca, S. 1992. A Morte da 'Alegria do Povo'. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 20: 113-134.
- LEITE LOPES, J. S. y Faguer, J-P. 1994. L'invention du style brésilien. Sport, journalisme et politique au Brésil. *Actes de la recherche en sciences sociales* 103: 27-35.
- LEITE LOPES, J. 1998. Futebol 'Mestiço': História de Sucessos e Contradições. *Ciência Hoje* 139: 18-26.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. s/d. *Tristes Trópicos*. Lisboa, ed. 70.
- MARX, Karl. 1978 (1887). *Capital. A critique of political Economy*. Vol. 1. Moscou: Progress Publishers.

MENEZES BASTOS, Rafael José. 2007. Les Batutas, 1922 Une anthropologie de la nuit parisienne. *Vibrant* 4-1 acessível em www.vibant.org.br

PEFFERKORN, Maurice. 1944. *Football, joie Du monde*. Paris: Susse.

SASSEN, Saskia. 1991. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton. Princeton University Press.

RIAL, Carmen. 2007. Estereótipos Raciais e Étnicos na Publicidade Brasileira. In: *Trayectos antropológicos*, org. L. Nicolas Guigou, 149-160. Montevideo: Nordan Comunidad

RIAL, Carmen 2008. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horizontes Antropológicos*. 14-30: 11-38.

RIBEIRO, Gustavo Lins. 2000. A condição da transnacionalidade.. In: *Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*, 93-129. Brasília: Ed. U-niversitária de Brasília.

RYSWICK, Jaques de. 1962. *100 000 beu-res de football*. Paris: Table Ronde.

TORRES, Diego. 2005. La danza de la discordia - El Madrid da "libertad" a los jugadores para festejar los goles, pero el vestuario está dividido. *El País*, 4 de outubro.

VABRE, Antonin. 2008. A construção de uma identidade no Brasil através dos jogadores Pelé e Garrincha Simpósio Temático. Comunicação apresentada no *Seminário Internacional Fazendo Gênero* 8, 25-28 de agosto, UFSC, Florianópolis.



ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Instruções para Colaboradores

APM aceita originais em português, espanhol, francês e inglês, encaminhados (em formato Word [.doc]) em duas cópias impressas e em versão digital via e-mail. No caso de textos submetidos por estudantes de pós-graduação, sua publicação dependerá de avaliação de parecerista, docente do PPGAS. Os autores receberão dois exemplares do número da revista na qual seus trabalhos forem publicados.

Diretrizes de Formatação para Submissão

A. *Página*: tamanho A4 (21 x 29,7cm).

B. *Fonte*: Times New Roman, tamanho 12, ao longo de todo o texto, incluindo referências, notas de rodapé, tabelas, etc.

C. *Margens*: 2,5 cm em todos os lados (superior, inferior, esquerda e direita).

D. *Espaçamento*: espaço simples ao longo de todo o manuscrito, incluindo folha de rosto, resumo, abstract, corpo do texto, referências, anexos, etc.

E. *Alinhamento*: esquerda

F. *Recuo da primeira linha do parágrafo*: tab = 1,25cm

G. *Numeração das páginas*: no canto direito superior de cada página.

H. *Endereços da internet*: as referências dos endereços "URL" (links para a internet) no texto (ex.: <<http://www.antropologia.ufsc.br>>) deverão incluir a data de acesso.

I. *Ordem dos elementos do manuscrito*: folha de rosto identificada (todos os autores), folha de rosto sem identificação, resumo e abstract com palavras-chaves (e keywords), corpo do texto, referências, anexos, notas de rodapé, tabelas e figuras. Inicie cada um deles em uma nova página.

Elementos do manuscrito:

A. *Folha de rosto identificada*: título (máximo de 20 palavras); nome e afiliação institucional de cada autor; e-mail dos autores para correspondência com os leitores e com os editores responsáveis.

C. *Folha de rosto sem identificação*: título (máximo 20 palavras).

D. *Resumos em português e inglês* (abstract): com no máximo 100-150 palavras cada, incluindo o título. Ao fim do resumo, listar pelo menos três e no máximo cinco palavras-chave (em letras minúsculas e separadas por ponto e vírgula). O resumo em inglês (abstract) vem a seguir, com as respectivas palavras-chaves (keywords).

E. *Corpo do texto*: não é necessário colocar título do manuscrito nesta página. As subseções do corpo do texto não começam cada uma em uma nova página e seus títulos devem estar centralizados e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula (por exemplo, Resultados, Método e Discussão, etc). Os subtítulos das subseções devem estar em itálico e ter a primeira letra de cada palavra em letra maiúscula (por exemplo, os subtítulos da subseção Método: Participantes, ou Análise dos Dados).

As palavras "Figura", "Tabela", "Anexo" que aparecerem no texto devem ser escritas com a primeira letra em maiúscula e acompanhadas do número (Figuras e Tabelas) ou letra (A-

nexos) ao qual se referem. Os locais sugeridos para inserção de figuras e tabelas deverão ser indicados no texto.

Sublinhados, itálicos e negritos: sublinhe apenas as palavras ou expressões que devam ser enfatizadas no texto. Por exemplo, "estrangeirismos" como *self*, *locus*, etc, e palavras que deseje salientar. Não utilize itálico (a não ser onde é requerido pelas normas de publicação), negrito, marcas d'água ou outros recursos, pois trazem problemas sérios para os editores de texto e leitura de provas.

Dê sempre crédito aos autores, incluindo as datas de publicação de todos os estudos referidos. Todos os nomes de autores cujos trabalhos forem citados devem ser seguidos da data de publicação. Todos os estudos citados no texto devem ser listados na seção de Referências.

F. *Referências:* Inicie uma nova página para a seção de Referências, com este título centralizado na primeira linha abaixo do cabeçalho. Apenas as obras consultadas e mencionadas no texto devem aparecer nesta seção. Continue utilizando simples e não deixe um espaço extra entre as citações. As referências devem ser citadas em ordem alfabética pelo sobrenome dos autores e cronológica ascendente por obra de cada autor.

G. *Anexos:* evite. Somente devem ser incluídos se contiverem informações indispensáveis. Os Anexos devem ser apresentados cada um em uma nova página, devendo ser indicados no texto e apresentados no final do manuscrito, identificados pelas letras do alfabeto em maiúsculas (A, B, C, e assim por diante).

H. *Notas de rodapé:* devem ser evitadas sempre que possível. No entanto, se não houver outra possibilidade, devem ser indicadas por algarismos arábicos sobrescritos no texto e apresentadas no final do artigo. O título (Notas de Rodapé) deve aparecer centralizado na primeira linha abaixo do cabeçalho. Recue a primeira linha de cada nota de rodapé em 1,25cm e numere-as conforme as respectivas indicações no texto.

I. *Tabelas:* Devem ser elaboradas em Word (.doc) ou Excel. No caso de apresentações gráficas de tabelas, use preferencialmente colunas, evitando outras formas de apresentação como pizza, etc. Nestas apresentações evite usar cores. Cada tabela começa em uma página separada. A palavra a "Tabela" é alinhada à esquerda na primeira linha abaixo do cabeçalho e seguida do número correspondente à tabela. Dê um espaço duplo e digite o título da tabela à esquerda, em itálico e sem ponto final. Apenas a primeira letra da primeira palavra e de nomes próprios deve estar em maiúsculo.

J. *Fotos e Figuras:* Fotos devem ser do tipo de arquivo JPG e apresentadas em arquivo separado, inseridas no sistema como documento suplementar. Fotos e figuras não devem exceder 13,5 cm de largura por 17,5 cm de comprimento. A palavra Figura é alinhada à esquerda na primeira linha abaixo do cabeçalho e seguida do número correspondente à figura. Dê um espaço duplo e digite o título da figura à esquerda, em itálico e sem ponto final. Apenas a primeira letra da primeira palavra e de nomes próprios deve estar em maiúsculo.

K. *Referências bibliográficas*

As referências bibliográficas devem aparecer no corpo do texto com o seguinte formato: Sobrenome do autor /espaço/ ano de publicação: /espaço/páginas, conforme o exemplo: (Midani 2008: 279-281).

A bibliografia deve ser apresentada em ordem alfabética de sobrenome, após as notas, respeitando o formato dos seguintes exemplos:

Livro:

AGOSTINHO, Pedro. 1974. *Kwarip: Mito e Ritual no Alto Xingu*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Coletânea:

CARDOSO, Vânia Zikán (org.). 2008. *Diálogos Transversais em Antropologia*. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Artigo em Coletânea:

SANTOS, Sílvio Coelho dos. 1998. "Notas sobre Ética e Ciência". In: Ilka Boaventura Leite (org.), *Ética e Estética na Antropologia*. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, pp. 83-88.

Artigo em Periódico:

SANCHIS, Pierre. 2002. "Religiões no Mundo Contemporâneo: Convivência e Conflitos". *Ilha – Revista de Antropologia*, 4 (2):5-23.

Tese Acadêmica:

MELLO, Maria Ignez Cruz. 2005. *Música, Mito e Ritual no Alto Xingu*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.

Serão aceitos trabalhos com as seguintes características:

1. Artigos ou ensaios (até sete mil palavras, tudo incluindo);
2. Debates: artigos com especial interesse teórico-metodológico que se fazem acompanhar de comentários críticos assinados por outros autores (até 7.000 palavras)
3. Entrevistas (até 7000 palavras)
4. Ensaio bibliográfico: resenha crítica e interpretativa de vários livros, teses, dissertações e outras publicações que abordem a mesma temática (até 3.000 palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
5. Resenhas biblio/disco/cine/videográficas; pequenas resenhas de livros, discos, filmes ou vídeos recentes (até dois anos, até mil palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
6. Notas de pesquisa: relato de resultados preliminares ou parciais de pesquisa (até 1500 palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas);
7. Traduções: de textos importantes da disciplina, cuja tradução ao português inexistente ou é de difícil acesso. Somente serão aceitas traduções acompanhadas com o devido consentimento do autor, família ou editora em que o texto foi originalmente publicado. No caso de obras que já caíram em domínio público, as exigências acima não prevalecerão.

Declaração de Direito Autoral

Os direitos autorais dos artigos publicados em APM são do autor, com direitos de primeira publicação para a revista.

Observações

As opiniões emitidas nos artigos publicados em APM são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores. Em virtude de aparecerem nesta revista de acesso público, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em aplicações educacionais e não-comerciais. Ao reproduzir total ou parcialmente algum artigo, é obrigatório citar a fonte. Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.



ANTROPOLOGIA EM PRIMEIRA MÃO

Títulos publicados

1. MENEZES BASTOS, Rafael José de. A Origem do Samba como Invenção do Brasil: Sobre o "Feito de Oracão" de Vadico e Noel Rosa (Por que as Canções Têm Música?), 1995.
2. MENEZES BASTOS, Rafael José de e Hermenegildo José de Menezes Bastos. A Festa da Jaguatirica: Primeiro e Sétimo Cantos - - Introdução, Transcrições, Traduções e Comentários, 1995.
3. WERNER Dennis. Policiais Militares Frente aos Meninos de Rua, 1995.
4. WERNER Dennis. A Ecologia Cultural de Julian Steward e seus desdobramentos, 1995.
5. GROSSI Miriam Pillar. Mapeamento de Grupos e Instituições de Mulheres/de Gênero/Feministas no Brasil, 1995.
6. GROSSI Miriam Pillar. Gênero, Violência e Sofrimento - Coletânea, Segunda Edição 1995.
7. RIAL Carmen Sílvia. Os Charmes dos Fast-Foods e a Globalização Cultural, 1995.
8. RIAL Carmen Sílvia. Japonês Está para TV Assim como Mulato para Cerveja: Imagens da Publicidade no Brasil, 1995.
9. LAGROU, Elsie Maria. Compulsão Visual: Desenhos e Imagens nas Culturas da Amazônia Ocidental, 1995.
10. SANTOS, Sílvio Coelho dos. Lideranças Indígenas e Indigenismo Oficial no Sul do Brasil, 1996.
11. LANGDON, E. Jean. Performance e Preocupações Pós-Modernas em Antropologia 1996.
12. LANGDON, E. Jean. A Doença como Experiência: A Construção da Doença e seu Desafio para a Prática Médica, 1996.
13. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Antropologia como Crítica Cultural e como Crítica a Esta: Dois Momentos Extremos de Exercício da Ética Antropológica (Entre Índios e Ilhéus), 1996.
14. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Musicalidade e Ambientalismo: Ensaio sobre o Encontro Raoni-Sing, 1996.
15. WERNER Dennis. Laços Sociais e Bem Estar entre Prostitutas Femininas e Travestis em Florianópolis, 1996.
16. WERNER, Dennis. Ausência de Figuras Paternas e Delinquência, 1996.
17. RIAL Carmen Sílvia. Rumores sobre Alimentos: O Caso dos Fast-Foods, 1996.
18. SÁEZ, Oscar Calavia. Historiadores Selvagens: Algumas Reflexões sobre História e Etnologia, 1996.
19. RIFIOTIS, Theophilos. Nos campos da Violência: Diferença e Positividade, 1997.
20. HAVERROTH, Moacir. Etnobotânica: Uma Revisão Teórica, 1997.
21. PIEDADE, Acácio Tadeu de C. Música Instrumental Brasileira e Fricção de Musicalidades, 1997.
22. BARCELOS NETO, Aristóteles. De Etnografias e Coleções Museológicas. Hipóteses sobre o Grafismo Xinguano, 1997
23. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. O Milenarismo Mucker Revisitado, 1998
24. GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, 1998
25. CALAVIA SÁEZ, Oscar. Campo Religioso e Grupos Indígenas no Brasil, 1998
26. GROSSI, Miriam Pillar. Direitos Humanos, Feminismo e Lutas contra a Impunidade. 1998
27. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Ritual, História e Política no Alto-Xingu: Observação a partir dos Kamayurá e da Festa da Jaguatirica (Yawari), 1998
28. GROSSI, Miriam Pillar. Feministas Históricas e Novas Feministas no Brasil, 1998.
29. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Músicas Latino-Americanas, Hoje: Musicalidade e Novas Fronteiras, 1998.
30. RIFIOTIS, Theophilos. Violência e Cultura no Projeto de René Girard, 1998.
31. HELM, Cecília Maria Vieira. Os Indígenas da Bacia do Rio Tibagi e os Projetos Hidrelétricos, 1998.
32. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Apuà World Hearing: A Note on the Kamayurá Phono-Auditory System and on the Anthropological Concept of Culture, 1998.
33. SÁEZ, Oscar Calavia. À procura do Ritual. As Festas Yaminawa no Alto Rio Acre, 1998.
34. MENEZES BASTOS, Rafael José de & PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo: Sopros da Amazônia: Ensaio-Resenha sobre as Músicas das Sociedades Tupi-Guarani, 1999.
35. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Milenarismo em Contexto Significativo: os Mucker como Sujeitos, 1999.
36. PIEDADE, Acácio Tadeu de Camargo. Flautas e Trompetes Sagrados do Noroeste Amazônico: Sobre a Música do Jurupari, 1999.
37. LANGDON, Esther Jean. Saúde, Saberes e Ética – Três Conferências sobre Antropologia da Saúde, 1999.
38. CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Vida Cotidiana sob a Lente do Pesquisador: O valor Heurístico da Imagem, 1999.
39. TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Os povos Indígenas do Oiapoque: Produção de Diferenças em Contexto Interétnico e de Políticas Públicas, 1999.
40. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part I), 2000.
41. LANGDON, Esther Jean. Saúde e Povos Indígenas: Os Desafios na Virada do Século, 2000.
42. RIAL, Carmen Sílvia Moraes e GROSSI, Miriam Pillar. Vivendo em Paris: Velhos e Pequenos Espaços numa Metrópole, 2000.

43. TASSINARI, Antonella M. I. Missões Jesuíticas na Região do Rio Oiapoque, 2000.
44. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Authenticity and Divertissement: Phonography, American Ethnomusicology and the Market of Ethnic Music in the United States of America, 2001.
45. RIFIOTIS, Theophilos. Les Médias et les Violences: Points de Repères sur la "Réception", 2001.
46. GROSSI, Miriam Pillar e RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. Urban Fear in Brazil: From the Favelas to the Truman Show, 2001.
47. CASTELS, Alicia Norma Gonzáles de. O Estudo do Espaço na Perspectiva Interdisciplinar, 2001.
48. RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. 1. Contatos Fotográficos. 2. Manezinho, de ofensa a troféu, 2001.
49. RIAL, Carmen Sílvia de Moraes. Racial and Ethnic Stereotypes in Brazilian Advertising. 2001
50. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part II), 2002.
51. RIFIOTIS, Theophilos. Antropologia do Ciberespaço. Questões Teórica-Metodológicas sobre Pesquisa de Campo e Modelos de Sociabilidade, 2002.
52. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O índio na Música Brasileira: Recordando Quinhentos anos de esquecimento, 2002
53. GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses, 2002
54. MELLO, Maria Ignez Cruz. Arte e Encontros Interétnicos: A Aldeia Wauja e o Planeta, 2003.
55. SÁEZ Oscar Calavia. Religião e Restos Humanos. Cristianismo, Corporalidade e Violência, 2003.
56. SÁEZ, Oscar Calavia. Un Balance Provisional del Multiculturalismo Brasileño. Los Indios de las Tierras Bajas en el Siglo XXI, 2003.
57. RIAL, Carmen. Brasil: Primeiros Escritos sobre Comida e Identidade, 2003.
58. RIFIOTIS, Theophilos. As Delegacias Especiais de Proteção à Mulher no Brasil e a «Judicialização» dos Conflitos Conjugais, 2003.
59. MENEZES BASTOS, Rafael José. Brazilian Popular Music: An Anthropological Introduction (Part III), 2003.
60. REIS, Maria José, Maria Rosa Catullo e Alicia N. González de Castells. Ruptura e Continuidade com o Passado: Bens Patrimoniais e Turismo em duas Cidades Relocalizadas, 2003.
61. MÁXIMO, Maria Elisa. Sociabilidade no "Ciberespaço": Uma Análise da Dinâmica de Interação na Lista Eletrônica de Discussão "Cibercultura", 2003.
62. PINTO, Márcio Teixeira. Artes de Ver, Modos de Ser, Formas de Dar: Xamanismo e Moralidade entre os Arara (Caribe, Brasil), 2003.
63. DICKIE, Maria Amélia S., org. Etnografando Pentecostaismos: Três Casos para Reflexão, 2003.
64. RIAL, Carmen. Guerra de Imagens: o 11 de Setembro na Mídia, 2003.
65. COELHO, Luis Fernando Hering. Por uma Antropologia da Música Arara (Caribe): Aspectos Estruturais das Melodias Vocais, 2004.
66. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Les Batutas in Paris, 1922: An Anthropology of (In) discreet Brightness, 2004.
67. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Etnomusicologia no Brasil: Algumas Tendências Hoje, 2004.
68. SÁEZ, Oscar Calavia. Mapas Carnales: El Territorio y la Sociedad Yaminawa, 2004.
69. APGAUA, Renata. Rastros do outro: notas sobre um mal-entendido, 2004.
70. GONÇALVES, Cláudia Pereira. Política, Cultura e Etnicidade: Indagações sobre Encontros Intersocietários, 2004.
71. MENEZES BASTOS, Rafael José de. "Cargo anti-cult" no Alto Xingu: Consciência Política e Legítima Defesa Étnica, 2004.
72. SÁEZ, Oscar Calavia. Índios, territorio y nación en Brasil. 2004.
73. GROISMAN, Alberto. Trajetos, Fronteiras e Reparações. 2004.
74. RIAL, Carmen. Estudos de Mídia: Breve Panorama das Teorias de Comunicação. 2004.
75. GROSSI, Miriam Pillar. Masculinidades: Uma Revisão Teórica. 2004.
76. MENEZES BASTOS, Rafael José de. O Pensamento Musical de Claude Lévi-Strauss: Notas de Aula. 2005.
77. OLIVEIRA, Allan de Paula. Se Tonico e Tinoco fossem Bororo: Da Natureza da Dupla Caipira. 2005.
78. SILVA, Rita de Cácia Oenning. A Performance da Cultura: Identidade, Cultura e Política num Tempo de Globalização. 2005.
79. RIAL, Carmen. De Acarajés e Hamburguers e Alguns Comentários ao Texto "Por uma Antropologia da Alimentação" de Vivaldo da Costa Lima. 2005.
80. SÁEZ, Oscar Calavia. La barca que Sube y la Barca que Baja. Sobre el Encuentro de Tradiciones Médicas. 2005.
81. MALUF, Sônia Weidner. Criação de Si e Reinvenção do Mundo: Pessoa e Cosmologia nas Novas Culturas Espirituais no Sul do Brasil. 2005.
82. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Uma Antropologia em Perspectiva: 20 Anos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.
83. GÓDIO, Matias. As Consequências da Visão: Notas para uma Sócio-Montagem Etnográfica. 2006.
84. COELHO, Luis Fernando Hering. Sobre as Duplas Sujeito/Objeto e Sincronia/Diacronia na Antropologia: Esboço para um Percorso Subterrâneo. 2006.
85. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Arte, Percepção e Conhecimento - O "Ver" e o "Ouvir" e o "Complexo das Flautas Sagradas" nas Terras Baixas da América do Sul. 2006.
86. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Primeira Parte). 2006.

87. RIAL, Carmen. Jogadores Brasileiros na Espanha: Emigrantes, porém... 2006.
88. SÁEZ, Oscar Calavia. Na Biblioteca: Micro-ensaios sobre literatura e antropologia. 2006.
89. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Música nas Terras Baixas da América do Sul: Estado da Arte (Segunda Parte). 2006.
90. TEIXEIRA-PINTO, Márcio. Sociabilidade, Moral e Coisas Afins: Modelos Sociológicos e Realidade Ameríndia. 2006.
91. TEIXEIRA-PINTO, Márcio. Transformações Ontológicas e Concepções Morais entre os Arara. 2006.
92. LANGDON, Esther Jean. Shamans and Shamanisms: Reflections on Anthropological Dilemmas of Modernity. 2006.
93. GROISMAN, Alberto. Interlocuções e Interlocutores no Campo da Saúde: Considerações sobre Noções, Prescrições e Estatutos. 2007.
94. LANGDON, Esther Jean. Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs. 2007.
95. LANGDON, Esther Jean. The Symbolic Efficacy of Rituals: From Ritual to Performance. 2007.
96. MENEZES BASTOS, Rafael José de. As Contribuições da Música Popular Brasileira às Músicas Populares do Mundo: Diálogos Transatlânticos Brasil/Europa/África (Primeira Parte). 2007.
97. LANGDON, Esther Jean. Rito como Conceito Chave para a Compreensão de Processos Sociais. 2007.
98. DICKIE, Maria Amélia Schmidt. Religious Experience and Culture: Testing Possibilities. 2007.
99. MALUF, Sonia Weidner. Gênero e Religiosidade: Duas Teorias de Gênero em Cosmologias e Experiências Religiosas no Brasil. 2007.
100. MALUF, Sonia Weidner. Peregrinos da Nova Era: Itinerários Espirituais e Terapêuticos no Brasil dos Anos 90. 2007.
101. SÁEZ, Oscar Calavia. Alimento Humano: O Canibalismo e o Conceito de Humanidade. 2007.
102. MENEZES BASTOS, Rafael José de. Para uma Antropologia Histórica das Relações Musicais Brasil/Portugal/África: O Caso do Fado e de sua Pertinência ao Sistema de Transformações Lundu-Modinha-Fado. 2007.
103. BAUMAN, Richard. A Poética do Mercado Público: Gritos de Vendedores no México e em Cuba. 2008.
104. RIAL, Carmen. Les chaînes de fast-food et leur menace à la biodiversité. 2008.
105. BITENCOURT, Fernando; RIAL, Carmen. Fabricação do Corpo, Estética e Mimese: Ensaio Sobre uma Antropologia Visual da Política. 2008.
106. RIAL, Carmen. Matrix x Dogma 95: dois cenários da imagem contemporânea na mídia. 2008.
107. MENEZES BASTOS, Rafael José de. As Contribuições da Música Popular Brasileira às Músicas Populares do Mundo: Diálogos Transatlânticos Brasil/Europa/África (Segunda Parte). 2008.
108. LARRAÍN, AMÉRICA. O "Negócio" da Arte e da Cultura: Considerações sobre o Festival de Dança de Joinville. 2009.
109. RIAL, Carmen. Fronteiras e Zonas na Circulação Global dos Jogadores Brasileiros de Futebol. 2009.
110. RIAL, Carmen. "Porque todos os 'rebeldes' falam português?" A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos na Europa, ontem e hoje. 2009.